



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

---

## O PROCESSO EMANCIPATÓRIO DO INDIVÍDUO NA EDUCAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL SOB O OLHAR DA ARTE E A CONCEPÇÃO DE PENSAMENTO CRIATIVO

---

Claudia de Medeiros Lima <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe uma discussão sobre a importância do pensamento criativo na construção da emancipação do aluno da educação técnica profissional a partir do pensamento *rancieriano*. A análise de conteúdos, sob enfoque qualitativo, adota a pesquisa bibliográfica e documental para promover investigação acerca da temática. Inicia-se o texto apresentando um breve resgate histórico sobre a educação técnica profissional e seu compromisso com a formação dos mais pobres, ligada ao desenvolvimento econômico e sua necessidade de mão-de-obra. Segue-se com a discussão sobre a emancipação, pautada no pensamento de Jacques Rancière sobre igualdade como ponto de partida, destacando a potência individual e as inteligências dissociadas das relações hierárquicas de saber. Busca-se uma aproximação com o devir do pensamento de Gilles Deleuze e com o olhar artístico de Pablo Picasso para entender o processo

emancipatório do indivíduo, compreendido na complexidade do pensar, do criar, como algo transformador, que não deseja sujeitar-se a ninguém, nem tão pouco sujeitar alguém a si mesmo, numa relação de liberdade. Liberdade de expressão e interpretação, de estabelecer conceitos e inventar novas verdades, novas realidades. A pesquisa aponta para a importância do professor no processo de emancipação do aluno, no sentido de despertá-lo para a vontade de potência, contudo, o emancipar-se cabe ao indivíduo. A revolução intelectual invoca a superação de si mesmo numa relação entre pensamento e criatividade.

### PALAVRAS-CHAVE

Emancipação. Pensamento Criativo. Educação Técnica Profissional.

## ABSTRACT

This article proposes a discussion about the importance of creative thinking in the construction of the emancipation of students from the professional technical education, through the rancieriano thought. The content analysis in the qualitative approach adopts the bibliographic and documentary research to investigate the given subject. The text begins by presenting a brief historical description about the technical professional education and its commitment to the formation of the poor, linked to economic development and its need for manpower. A discussion about the emancipation is followed, based on the thought of Jacques Rancière on equality as a starting point, highlighting the individual power and the intelligences disassociated from hierarchical relationships about general knowledge. It could be seen an attempt to get close to the thought of Gilles Deleuze and the artistic look of Pablo Picasso to understand the process of emancipation of the individual, understood in the complexity of the thinking process, and the creation, as a transforming tool, who does not want to subject himself to anyone, nor having anyone subjected to himself, in a relationship of freedom. Freedom of expression and interpretation, of being able to establish concepts and invent new truths, new realities. The research points to the importance of the teacher in the process of the student's emancipation, in order to arouse the will to power, but the emancipation process itself belongs to the individual. The intellectual revolution refers to the overcoming of oneself, in a relation between the thoughts and creativity.

## KEYWORDS

Emancipation. Creative Thought. Professional Technical Education.

## RESUMEN

Este artículo propone una discusión acerca de la importancia del pensamiento creativo en la construcción de la emancipación de los estudiantes de educación técnica, a partir del pensamiento *rancieriano*. El análisis de contenido en el enfoque cualitativo adopta la investigación bibliográfica y documental para promover la investigación sobre el tema. El texto comienza presentando un breve resumen histórico acerca de la educación técnica y compromiso profesional con la formación de los pobres, vinculada al desarrollo económico y su necesidad de mano de obra. Enseguida, se hace una discusión de poder, basada en el pensamiento de Jacques Rancière en la igualdad como punto de partida, poniendo de relieve el poder y las inteligencias individuales separadas de las relaciones jerárquicas de saber. Se busca un acercamiento con el pensamiento de Gilles Deleuze y la mirada artística de Pablo Picasso para entender el proceso de emancipación del individuo, entendida en la complejidad del pensamiento, la creación, la transformación como algo que no quiere someterse a cualquier persona, ni nadie sea sometido a sí mismo, una relación de la libertad. La libertad de expresión e interpretación de los conceptos establecidos e inventar nuevas verdades, nuevas realidades. La investigación apunta para la importancia del profesor en el proceso de emancipación de los estudiantes, para despertar, incluso, la voluntad de poder, pero el emanciparse, sin embargo, recae en el individuo. La revolución intelectual se refiere a la superación de uno mismo, una relación entre el pensamiento y la creatividad.

## PALABRAS CLAVE

Emancipación; El Pensamiento; La Creatividad; La Educación Técnico Profesional.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma discussão sobre a importância do pensamento criativo na construção da emancipação do aluno da educação técnica profissional, contrapondo a busca pelos conceitos universais a partir de métodos determinados à ideia de modo correto do pensar, segundo a ciência moderna, e analisando o pensamento criativo como possibilidade de ampliação da potencialidade humana, através da concepção de indissociação entre indivíduo e objeto, entre corpo e alma, na busca do tornar-se, da transformação, da metamorfose, de novas e múltiplas respostas.

A escolha da educação técnica profissional se deve ao fato de a mesma perpetuar por longos anos, uma formação pautada, essencialmente, sobre métodos e técnicas, em detrimento de uma formação mais sistêmica, na qual o pensamento criativo é fundamental.

Adota-se o conceito de emancipação *ranceria-no* na obra *O mestre ignorante* e sua valorização da potência individual como condição para o processo emancipatório, buscando aproximações com a ideia do pensamento como ato criativo *deleuziano* e o fazer artístico de Pablo Picasso no filme *O mistério de Picasso*, de 1956. Outro aspecto importante para o desenvolvimento deste trabalho é o desenvolvimento de um breve resgate da história da educação técnica profissional para compreender sua configuração nos dias atuais.

A análise de conteúdos, sob enfoque qualitativo adota a pesquisa bibliográfica e documental para promover investigação acerca da temática.

## 2 A PROFISSIONALIZAÇÃO DOS MENOS AFORTUNADOS

A história da educação revela que, desde a antiguidade, a instrução profissional, aprendizagem e exercício de um ofício está associada aos menos afortunados enquanto a formação política e intelectual está associada à elite. Na Grécia antiga, assim como em Roma, por exemplo, é dever dos pais ensinar seus ofícios aos filhos. O costume de treinar escravos em escolas para exercer determinadas profissões também é grego. Os patrões passam a enviar os escravos para as escolas e pagar sua instrução. Neste costume, Roma cria as corporações de ofício para instrução profissional “*Collegia Artificium*”, formada por plebeus livres que migram para a cidade. Data-se de longo período na história a dissociação das atividades intelectuais dos trabalhos braçais enquanto a instrução profissional torna-se característica de escravos e plebeus. A

formação política e intelectual restringe-se à nobreza, aos futuros ocupantes dos cargos de governo.

Na idade média, com os novos modos de produção, desenvolvimento da ciência e de uma burguesia urbana, a relação dos aprendizes é comparada a de um discípulo. Os adolescentes frequentam o mesmo ambiente de trabalho de seus mestres e lá obtém conhecimentos e habilidades da profissão. Os contratos variam de quatro a dez anos e o próprio aprendiz realiza pagamentos ao mestre pela instrução. Na impossibilidade de fazê-los, submete-se a mais tempo de serviços prestados.

Diante do nascimento do mundo moderno, surge outro sentido para a educação. Pautada nos métodos

da ciência, influenciada pela concepção de separação entre sujeito e objeto, de distanciamento e neutralidade científica, a escola se inspira e adota as ideias cartesianas, cujo ponto de partida é a transformação de dúvidas em métodos para testar a veracidade do conhecimento. É neste contexto que se desenvolve outra perspectiva para preparação profissional na Inglaterra do séc. XVII. As novas classes dirigentes inspiradas por Locke oferecem às classes populares as escolas de trabalho, *Workhouse-schools*, preparando as crianças para a indústria têxtil de lã. É na França, todavia, numa escola cristã de ótica protestante, *São João Batista de La Salle*, que nasce o esboço das primeiras escolas técnico-profissionais, instruindo profissões artesanais mercantis. Com o aceleração industrial e o desenvolvimento das fábricas, as oficinas artesanais sob controle das Corporações de Artes e Ofícios desaparecem, cedendo espaço para a instituição escola, que passa a atender às classes produtoras, através de conteúdos técnico-científicos.

Séculos se passam, o mundo moderno cria as primeiras escolas técnico-profissionais e com o Brasil não é diferente: a educação profissionalizante permanece reservada aos menos favorecidos. No país, os aprendizes ganham espaço nas corporações de ofícios que surgem no período colonial. Em 1826, um projeto de lei sobre instrução pública no império do Brasil apresenta uma nova organização para a aprendizagem de ofícios, instituindo a obrigatoriedade do ensino de costura e bordado para as meninas e, para os meninos, desenho direcionado às artes e ofícios, ministrados nos liceus.

Com o desenvolvimento industrial no país, surge o primeiro Liceu de Artes e Ofícios (1858), na cidade do Rio de Janeiro, destinado a dar instrução artística e técnica à classe operária, objetivando a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Já em 1909, o então presidente Nilo Peçanha baixa o Decreto nº 7.556 criando 19 escolas de Aprendizes e Artífices em todo o país. Essas escolas dão preferência aos “menos favorecidos”.

A partir da década de 1930, com a expansão industrial e urbana brasileira, novas estratégias surgem para adquirir mão-de-obra qualificada. O ensino profissional industrial amplia seus espaços e cria-se o SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial no ano de 1942. O objetivo é preparar, de maneira mais rápida possível, aprendizes para inserção nas indústrias.

Em 1971, em pleno aceleração industrial, a Lei de Diretrizes e Bases 5.692 estabelece a habilitação profissional compulsória. A dicotomia existente entre ensino propedêutico e profissional se torna ainda mais acentuada, sendo o segundo muito prejudicado por falta de recursos materiais e professores qualificados. Foge a esta regra as Escolas Técnicas Federais que colocam no mercado de trabalho milhares de técnicos, chegando à saturação na década de 1980.

Somente após meados da década de 1990, com a LDB 9.394/1996, é que surgem propostas de reformulação da formação profissional e passa agregar a formação cultural e cidadã ao currículo <sup>1</sup> até então, meramente tecnicista. Mas ainda assim, é evidente a destinação da formação técnica para os pobres e, aliado a isso, a proposta de ascensão social “[aos institutos federais cabe, oferecer] educação profissional e tecnológica em todo o território nacional, articulando-a com ações de desenvolvimento territorial sustentável e orientando-a para a formação integral de cidadãos-trabalhadores emancipados” (BRASIL, 2010, p. 21). A emancipação, como disposta no documento concepções e diretrizes dos institutos federais, indica uma possibilidade de êxito profissional, autonomia financeira e ascensão social, conceito que em muito difere da emancipação *rancieriana*, que aponta para a possibilidade de liberdade do indivíduo na busca pelo próprio conhecimento, que independe de

---

1 O conceito de currículo utilizado compreende a pedagogia crítica, baseia-se na teoria desenvolvida por Tomaz Tadeu da Silva, que considera o currículo como área de estudo responsável pela criação, seleção e organização do conhecimento escolar, associando-o diretamente à democracia e a reprodução das relações de produção da sociedade capitalista. Dentro desta visão, a escola passa a oferecer diferentes produtos para os diferentes grupos sociais, ensino técnico e ensino clássico.

estruturas ou profissionais para capacitá-lo, mas que o indica como dotado de potência, como integrante ativo do processo dinâmico do conhecer. O conhecer não fundamentado em verdade universal ou absoluta e independente de métodos determinados para se chegar a conceitos já estabelecidos.

A educação técnica profissionalizante vista numa perspectiva emancipatória *rancieriana*, compreende a valorização das inteligências individuais e o reconhecimento da igualdade entre elas. Afastando-se, portanto da concepção de instrução, em que o aluno depende do conhecimento já construído e do ensino do professor e da escola. Para o autor, a instrução é embrutecedora e promotora de desigualdades.

O breve resgate histórico aponta para uma formação destinada aos mais pobres que sempre acompanha o desenvolvimento econômico e sua necessidade de mão-de-obra.

A tendência tecnicista resulta da tentativa de aplicar na escola o modelo empresarial, que se baseia na “racionalização”, própria do sistema de produção capitalista. Um dos objetivos teóricos dessa linha é, portanto, adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica, evidentemente com economia de tempo, esforços e custos. (ARANHA, 1996, p. 213)

### 3 A EMANCIPAÇÃO E A RELAÇÃO COM O DEVR DO PENSAMENTO

Reformulam-se os currículos, transformam-se os discursos, a escola e suas práticas de ensino. Mas o que realmente muda na concepção educativa sobre o pensar? A formação cidadã, *slogan* de muitas escolas na atualidade, promove a emancipação do indivíduo? “[A escola assume] tarefa fantasmática de superar a distância entre a igualdade de condições proclamada e a desigualdade existente, cada vez mais instada a reduzir as desigualdades tidas

Como, então, promover uma educação de fato emancipadora, na qual a desigualdade não prepondera? Não se pretende aqui negar a importância da ciência para a construção do conhecimento; reconhece-se sua importância e o quanto se faz necessária para a ampliação deste. O que se questiona é a redução do conhecimento a uma única verdade. Desta forma, a fuga dessa educação presa aos métodos racionais da ciência, onde a técnica e a instrução profissional prevalecem, bem como o desenvolvimento do pensamento criativo, parecem se tornar elementos indispensáveis para a emancipação.

A busca pelo saber democrático, não universal, descomprometido com a acumulação e conservação de conhecimentos, sugere a não linearidade e a tessitura de relações complexas, nas quais o pensamento criativo é elemento *sine qua non* e a Arte, por sua capacidade de ir além das certezas, revela-se uma outra forma de compreensão e representação da realidade, não uma realidade fixa, estática, mas livre e dinâmica. Na obra de *Picasso*, a verdade parece transitória, ou melhor, as verdades são traçadas como possibilidades do real; por isso, a escolha do ato criativo deste artista para a aproximação proposta neste trabalho.

como residuais” (RANCIÉRE, 2002, p. 13). Esse papel da escola, na atual sociedade tida como igualitária e de ascensão possível, coloca-a como mediadora das tensões, gerando uma falsa impressão de pertencimento, atuando como se pudesse instrumentalizar o acesso e promover ascensão social para todos. Ou seja, a escola parte do princípio da existência de igualdade de oportunidade para todos, colocando para o indivíduo a possibilidade de ascensão social,

referendada pelo esforço e capacidade particulares, diante da formação ofertada. Para Tomaz Tadeu da Silva (1990) a escola, como legitimadora da acumulação e reprodução do conhecimento técnico para atender às necessidades da sociedade capitalista, revela seu caráter utilitário pautado na visão liberal de tendência mais tecnocrática. Neste ideal de escola, não cabe a emancipação dos estudantes. Diante disso, compreende-se o dito *pessimismo* do mestre Jacotot<sup>2</sup>, que desacredita na possibilidade de igualdade social e considera a escola como iniciadora e mantenedora de toda ordem social e governamental.

Dominar, competir, buscar ser sempre “o melhor”, a corrida pelo conhecimento utilitário e mercantilizado dá um sentido comercial à educação. As inteligências, nessa perspectiva, correm o risco de serem sufocadas pela busca de ascensão social e econômica e o ensino, então, passar a ser tarefa adestradora.

Contrariando Jacotot, atribui-se aqui importância à tarefa de ensinar. Ainda que tantas vezes esta seja hierarquizante e mantenedora da ordem, acredita-se que existem outras maneiras de ensinar, ou talvez, seja essa palavra carregada de sentido histórico que complica sua adoção. Mas Jacotot tinha suas razões. Os progressistas utilizaram sua ideia de ensino universal e criaram o Liceu Nacional da França e “em três anos de ensino secundário e por um preço máximo de oitocentos francos por ano, a Instituição comprometia-se a tornar os alunos aptos a apresentarem-se para qualquer exame” (RANCIÈRE, 2002, p. 131).

O pensamento de Rancière sobre igualdade como ponto de partida e não de chegada é bastante significativo. O cerne encontra-se no desejo de visibilidade da relação entre potência individual e

inteligências; da fuga das relações hierárquicas de saber, fortalecendo a ideia de aprendizagem sem a necessidade de explicadores, em que todos são possuidores de inteligência, portanto, dotados da capacidade de aprendizagem e, por isso, *iguais*. Para tanto, apropria-se do conceito *nietzschiano* de *vontade de potência*<sup>3</sup> e estabelece o círculo da potência, onde o mestre confia ao aluno a capacidade de aprender por si próprio, essa superação de si mesmo, a emancipação, que não pode ser desenvolvida pelo professor nem por nenhuma outra pessoa. Essa igualdade diferencia-se da suposta pelo pensamento liberal, que associa a educação ao poder econômico e aponta para a responsabilidade do indivíduo pela sua própria ascensão social a partir da instrumentalização oferecida pela escola. Rancière não acredita na possibilidade de igualdade social, sua perspectiva é de emancipação intelectual individual. Afasta-se, portanto, da ideia marxista de conscientização e libertação da classe oprimida. Seu ponto de partida é micro e não macro; o pensamento vai de encontro à tomada de poder da classe dominante pela classe dominada; seria uma espécie de reconhecimento de poder individual, que não deixa de revelar transformações numa esfera maior, mesmo porque as relações de poder estão presentes em qualquer esfera sócio-econômica.

Apesar de tudo, a autora deste artigo, ainda acredita, pelo menos por enquanto, na possibilidade de emancipação desenvolvida dentro da instituição escola. Pensa-se que, talvez, haja uma maior dificuldade quando se trata da educação técnica profissional, aliás, o próprio nome *técnica* já traz em si um quê de padronização. A técnica relaciona-se diretamente com mecanização de processos, com instrução, com repetição. O currículo dessa

<sup>2</sup> Refere-se ao personagem do livro: O Mestre Ignorante de Jacques Rancière (2002). “Joseph Jacotot revolucionário francês que distoia do discurso burguês na busca dos ideais de ordem progresso da época, que colocavam a escola, a educação, a pedagogia sob as amarras do liberalismo”. (prefácio) O discurso de Jacotot é visto como um discurso pessimista.

<sup>3</sup> No livro: Assim falou Zaratustra, no aforismo – Do superar a si mesmo- o filósofo alemão Friedrich Nietzsche aborda o conceito de vontade de potência, instinto humano de superação de si mesmo contrariando a lógica darwinista de adaptação, o que leva à busca, impulsionada pelo desejo de conhecer pra além da moral e das “verdades” pré-estabelecidas. “Vontade de que todo o existente possa ser pensado[...]” (Nietzsche, 2010)

modalidade educacional é composto por várias disciplinas exatas, muitas delas especificamente técnicas, e os professores<sup>4</sup>, em sua maioria, formados neste mesmo modelo; pouquíssimo contato com as teorias que discutem educação, sua concepção filosófica, sociológica, antropológica ou psicológica. Enfim, é comum ouvir sobre os profissionais dessa área de conhecimento que eles se ocupam de cálculos, de resultados exatos, da relação de causa e efeito, não com teorias. Poderiam essas questões interferir no exercício docente, dada a importância da perspectiva individual no processo emancipatório e criativo da educação? E aqui, registra-se mais uma vez Ranciére: “Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos, emancipados, isso é, conscientes do verdadeiro poder do espírito humano” (RANCIÈRE, 2002, p. 27)

A emancipação parte do princípio de autorreconhecimento e de reconhecimento do outro como dotado de vontade de potência e inteligência individuais, necessárias ao ato de aprendizagem. A emancipação é compreendida na complexidade do pensar, como algo transformador e não conservador de algum estado, não deseja sujeitar-se a ninguém, nem tão pouco sujeitar alguém a si mesmo; é uma relação de liberdade. “O que é há de grande no homem é ser ponte e não meta [fim]: O que pode amar-se no homem, é ser uma transição [passagem] e um ocaso [não um acabamento]” (NIETZSCHE, 2010, p.18). Para melhor compreender a relação com o pensamento, recorre-se ao conceito *deleuziano* de devir, que foge da ideia de pensamento puro, reto, universal; do inatismo e da boa natureza do pensador. Deleuze considera o pensar como abolição de pressupostos, sejam eles objetivos ou subjetivos. Pensar é criar, pensar não é reconhecer, não pode estar sujeito ao aprisionamento de ideias dentro das conformidades

4 Tudo indica que boa parte dos professores, senão a maioria, do ensino técnico profissionalizante brasileiro é composta por bacharéis, ao invés de licenciados. Sendo assim, a formação acadêmica deles revela-se predominantemente técnica.

reconhecíveis ou reconhecidas. Pensar é fruto de necessidades, de tentativa de resolução de questionamentos inquietadores.

Pensar é movimento; é rompimento; é novidade; é agressão. Distancia-se do pensamento como reflexão, que dá a ideia de que eles estão em algum lugar e basta ser humano para obtê-los, de forma transcendental. O pensamento como ato criativo aponta para a necessidade humana de compreensão diante dos problemas surgidos, sem ocupar-se com respostas absolutas, inquestionáveis ou estáticas e sim com descobertas suscetíveis a mudanças dentro do espaço/tempo. Porque nada é para sempre, tudo é mutável. Os conceitos são elaborados e estabelecidos de acordo com as características do local, do tempo e principalmente, a partir do olhar de alguém, sua constituição e idiosincrasias. O devir do pensamento aguça o olhar por novas perspectivas, busca o novo, não se contenta com o estabelecido, busca possibilidades, enfim, busca a criação.

As condições de uma verdadeira crítica e de uma verdadeira criação são as mesmas: destruição da imagem de um pensamento que pressupõe a si próprio, gênese do ato de pensar no próprio pensamento. (DELEUZE, 1988, p. 230-231)

Pensar *deleuzianamente* sugere disposição para se metamorfosear, estado de movimento e transformação necessários à emancipação do indivíduo. Pensa-se porque algo é atingido, o olhar parte de si, não mais do outro. Rompe-se com a ideia de que se depende de alguém para traduzir o mundo e seus conceitos; com a ideia do professor como o detentor do conhecimento, que testa até que ponto o aluno se aproxima de suas verdades acadêmicas.

Como seria, então, a emancipação do aluno no ensino técnico-profissional, visto que tem peculiaridades próprias e parece mais vulnerável aos ditames do mercado econômico?

## 4 EMANCIPAÇÃO: A ÊNFASE NO INDIVÍDUO

Este artigo, inicialmente, considerou a hipótese de que o professor que tem pouco ou nenhum contato com teorias da educação que estudam acerca de questões históricas, filosóficas, sociológicas e mesmo psicológicas, importantes para a compreensão do processo do aprender teria mais propensão a desenvolver uma docência mais dependente, aprisionada aos moldes hierárquicos reproduzidos na escola, portanto, uma prática não emancipadora. Todavia, durante as leituras, em meio a diferentes perspectivas, outros questionamentos ecoaram. Será que o fato de ter contato com essas teorias contribuiriam para a formação de indivíduos emancipados? Existem leituras ideais? A formação dos professores acontece somente na academia? Bacharéis ou licenciados, qual professor se deseja para o ensino técnico-profissionalizante? Confessa-se que o pensamento inicial partiu de uma ideia pré-concebida e equivocada sobre a questão. Foi preciso desvencilhar-se das representações mentais e do juízo moral na própria escrita deste. Segundo Deleuze:

Devendo renunciar à forma da representação assim como ao elemento do senso comum. Como se o pensamento só pudesse começar, e sempre recomeçar, a pensar ao se libertar da Imagem e dos postulados. É em vão que se pretende remanejar a doutrina da verdade, se antes de tudo não forem arrolados os postulados que projetam esta imagem deformante do pensamento. (DELEUZE, 1988, p. 127)

Para Silva (1990), a escola e o currículo não estão livres para o exercício da vontade de professores ou de outro grupo social. Ela está amarrada ao poder político e econômico. Depositar esperanças em demasia na escola ou mesmo no professor só trará frustrações. Por isso, a ênfase de *jacotot* está no indivíduo, o ser responsável pela sua própria emancipação, que encontra na figura do mestre, alguém que lhe deposita confiança e o faz descobrir a própria vontade de potência. O mestre quiçá

ignorante, numa escola, talvez, também ignorante, mas que reconhece onde está o verdadeiro sentido do conhecimento, na busca da superação do homem pelo próprio homem. Isso só se dá através do pensamento.

O pensamento é individual, é múltiplo em sua constituição, não há uma relação determinista entre o ter acesso a dada literatura e o pensar. Idealizar qualquer coisa ou pessoa como responsável por quaisquer resultados parece levar a uma relação de causa e efeito que não cabe na concepção de pensamento discutida aqui. Não cabe pensamento sem criação, assim como, não existe criação sem o exercício do pensar. “A dissolução do ser metafísico enquanto entidade ontológica duradoura e permanente e sua substituição pelo devir levam à valorização do processo em detrimento do produto” (LIMA, 2012, p. 88).

A emancipação necessita de movimentos de pensar que nunca são os mesmos, mudam com os problemas; são vistos por outros prismas, levam à criação e recriação de conceitos. Revela uma preocupação em estabelecer verdades teóricas; vale a liberdade questionadora; a permissão de sair do texto, do contexto, para enxergá-lo de fora, ver outros aspectos e trazer outras interpretações, valorizando mais a curiosidade da busca que a formulação de uma ideia, conceito. Vale o tornar-se, o emancipar-se.

No filme *O Mistério de Picasso* (1956), é possível compreender um pouco o processo do artista, ajudando a ilustrar um pensamento que vai para além do cartesianismo; da relação linear entre conhecimentos, saberes e experiências, que expressa a não busca da verdade absoluta em prol da metamorfoseação.

## 5 PENSAMENTO, CRIATIVIDADE E A REVOLUÇÃO INTELECTUAL

Em *O Mistério de Picasso*, o cineasta Henri Georges Clouzot registra o momento criativo do pintor. Utilizando uma tela branca e uma câmera por trás, traços vão surgindo como se fossem mágicos. Estaria Clouzot filmando o avesso do processo? Ou seria outro ponto de vista que os espectadores estariam experimentando, diferentemente, inclusive, do olhar de quem cria? Mas ainda que se estivesse olhando a tela de frente, conseguir-se-ia ter a mesma percepção de Picasso? A visão ou ideia de quem assiste seria a mesma do autor? Não se pretende responder a nenhuma dessas perguntas, nem mesmo se sabe a existência de alguma resposta. A questão é que depois de assistir ao processo de criação de Pablo Picasso, cai por terra toda “velha opinião formada sobre tudo”, citando Raul Seixas. Mas de quais velhas ideias se quer tratar? Ou melhor, não se quer. Muito já se discutiu e se discute sobre elas. Discute-se sobre o processo de emancipação do aluno da educação técnica profissional sob influência do pensamento como ato criativo e sob olhar da arte de Picasso.

A emancipação, enquanto processo de revolução intelectual, visa à superação da separação do indivíduo e do objeto de conhecimento; implica em envolvimento, numa relação dinâmica, traçando uma nova realidade, novos objetos, novo indivíduo, novas respostas, novas possibilidades. Para tanto, o olhar da arte pode contribuir significativamente e promover rupturas com o pensamento dogmático universal. Sua interdependência com o fazer criativo pode interferir no processo educativo de modo que o aluno se veja impelido a usar e ousar com a própria inteligência, em que a arte e o artista tecem a liberdade da criação. E o artista como autor da obra e ao mesmo tempo como fruto dela, pois sem obra não existe o ser artista, se transformam, se confundem.

Pablo Picasso desliza linhas pretas sobre o branco do papel, rabisca, dá formas, muitas delas co-

nhecidas outras um tanto bizarras. Surgem novas formas, aparecem mais rabiscos, borrões e o que parecia, já não parece ser. Quando a compreensão finalmente parece óbvia, o artista faz outros borrões e transforma o que era visível aos olhos em algo desconhecido novamente.

O preto no branco não é utilizado para esclarecer, como no dito popular, mas para confundir, ocultar. Na verdade parece desejar criar uma nova realidade, através de outros olhares, que não se conseguiria ter com uma visão treinada, que enxerga apenas o que já se conhece, a memória, o repertório. Quando finalmente conclui, pensa-se ainda estar incompleta, a espera de algo. De repente, eis que surgem formas humanas frontais, de perfis, objetos e animais. Traços geométricos e borrões se misturam e compõem um lindo e inusitado quadro.

O que ele pensa? O que leva o espectador a pensar? Sua criatividade direciona a todos para o além, para o imprevisível. Sua obra mexe muito com a imaginação. O artista não parece se preocupar com uma única interpretação, antes a submete ao signo da liberdade, sem fronteiras.

Desconstrói o construído, sem apegos, não hesita à mudança. O que era não é mais e parece pedir pra deixar de ser. Picasso cria novas imagens a partir de outros olhares sobre a mesma imagem, modificando a originária. Quando perguntado “O que vai fazer?”, Ele responde: “Não importa”. Revela não ter determinado aonde vai chegar, encara a descoberta como resultado aonde se chega e não do que se planeja. Seu processo denota mistura, transformação, metamorfose. Picasso instiga a testes, experimentações. Sua obra não parece querer seguidores ou imitadores; sua técnica afasta-se da didática convencional linear, de começo, meio e fim. Ao transportar o olhar de Picasso

para a escola, percebe-se que o ato criativo do artista contraria o ato de instruir, de embrutecimento, característico da proposta liberal de educação e se aproxima da proposta rancieriana de emancipação, de valorização das inteligências individuais.

Esse olhar da arte pode ser elemento fundamental para o desenvolvimento do pensamento criativo, de uma relação interdependente. O exercício do pensar é imprescindível para enxergar além do óbvio. Pensar educação a partir da Arte é pensar em movimento exploratório do mundo em busca de conhecimento; é criar ou recriar novas imagens a partir do nada; permitir a liberdade de expressão e interpretação; estabelecer conceitos e inventar novas verdades, novas realidades.

Cabe aqui, diante da importância do pensamento como ato criativo dentro do processo emancipador dos indivíduos, retomar-se a importância da figura do professor da educação técnica-profissionalizante dentro da instituição escola. Apesar da desvalorização profissional do magistério na atualidade brasileira, ele ainda desempenha papel importantíssimo na formação do indivíduo, considerando, principalmente, a relação de poder aí envolvida, mas que não se discute nesse momento, senão em outro trabalho. Se a condição para emancipar é emancipar-se, seria importante que o professor pudesse vivenciar experiências dessa natureza ao longo da construção de sua profissão, viver a autonomia do pensar, a liberdade de criar conceitos para os problemas encontrados. Contudo, ainda que isso não aconteça, é possível libertar-se das amarras da imagem dogmática do pensamento, afinal se parte do princípio do reconhecimento de igualdade entre as inteligências e crença nas potências individuais e se acredita na possibilidade da revolução intelectual.

A consciência da emancipação é, antes de tudo, o inventário das competências intelectuais do ignorante. Ele conhece sua língua. Ele sabe, igualmente, usá-la para protestar contra seu estado ou para interrogar os que sabem, ou acreditam saber, mais do que ele. Ele conhece seu ofício, seus instrumentos e uso; ele se-

ria capaz, se necessário, de aperfeiçoá-los. Ele deve começar a refletir sobre essas capacidades e sobre a maneira como as adquiriu. (RANCIÈRE, 2002, p. 47)

A emancipação dos estudantes se dará na medida do despertar das consciências dos envolvidos, destacando o papel do professor como articulador no processo de construção do conhecimento.

Já a escola, enquanto espaço de formação individual e coletiva, há séculos aprisiona pessoas e conhecimentos, fragmentando-os, hierarquizando-os, submetendo-os às mãos de poucos e dando-lhes poder de decisão sobre o futuro da humanidade. E o ensino técnico-profissionalizante, que ao longo da história tem se ocupado da instrução do povo que, por sua vez, tem pouco dinheiro para investir em sua formação, urge com a necessidade de rompimento com esse fato histórico.

Romper parece uma palavra muito extremista, talvez seja melhor falar sobre resistir ao velho modelo e propor um processo de transformação, iniciado a partir da relação intra-escolar. Nessa perspectiva, o autor Sílvio Gallo (2002) trabalha com os conceitos de professor profeta e professor militante. O primeiro seria aquele que anuncia o futuro, subentende-se que ele saiba acerca das coisas do presente e do porvir, nesta posição de superioridade intelectual, o “dono da verdade”. O segundo, o professor militante, aquele inserido na realidade dos alunos, vivenciando experiências e coletivamente buscando caminhos, descobertas, outras perspectivas, que envolvem a criação de uma nova realidade.

O professor militante seria aquele que, vivendo as misérias dos alunos ou as misérias da situação social da qual ele participa procuraria, coletivamente, ser um vetor da produção de superação, de condições de superação dessa miséria, ser um vetor de libertação, de possibilidades de libertação. (GALLO, 2002, p. 171)

Para Gallo (2002), esse professor seria o adepto

da educação menor. Menor não no sentido de menos importante, mas aquela resistente, que anda na contramão da educação maior, minando a estrutura dominante, controladora, uma educação de fato emancipadora.

A educação menor é rizomática, segmentada, fragmentária, não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos,

impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. Não se trata de buscar a integração dos saberes. Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizoma com os alunos, viabilizar rizomas entre os alunos, fazer rizomas com projetos de outros professores. Manter os projetos abertos: “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. (DELEUZE; GUATTARI, apud GALLO, 2002, p. 37).

## 6 CONSIDERAÇÕES

Parece que Pablo Picasso bem exerceu o poder transformador de sua arte. Movido pelo olhar incomum, fez história e mudou a história. A não preocupação em estabelecer verdades bem como seu processo criativo denota um pensamento revolucionário e inspira a educação na busca de novas práticas. Mestres ignorantes, professores Picassos, em busca da emancipação, da Educação menor, do pensamento criativo. Longe das amarras institucionais ou do pensamento dogmático, seja em qualquer nível e/ou modalidade de ensino, é isso que pode fazer diferença.

Indivíduos conhecedores da própria vontade de potência, cientes da própria inteligência, prontos para a metamorfose contínua. Indivíduos emancipados, capazes de ligar as faculdades separadas pelo cartesianismo e reaprender a pensar. Pois não se pode, ou não se deve, separar o ser do conhecer, e sim fazer dialogizar o que parece estar separado, a ciência e a arte; a razão e a emoção; o indivíduo e o objeto.

Os institutos de educação técnica e profissional devem especializar-se para a retomada da formação na perspectiva emancipadora de fato, não àquela que se volta para os menos afortunados

e a associa ao poder econômico e foca na possibilidade de ascensão social, mas a que difere do pensamento liberal de educação, que enfatiza a emancipação intelectual individual, não a escola, não o professor.

De forma alguma, se pretende aqui descaracterizar a importância do papel do professor ou da escola, contudo, destacar a necessidade primordial de fuga da mera instrução na educação técnica profissional, em detrimento da emancipação, do pensamento criativo, no qual o professor realmente emancipado, seja licenciado, bacharel ou mesmo ignorante, tem lugar garantido e considerável função, contribuir no processo de autodescoberta do indivíduo e de reconhecimento e valorização das inteligências como potências individuais.

Sabendo-se que toda construção realizada aqui pode ser questionada e quem sabe transformada, espera-se que o presente trabalho possa contribuir para posteriores discussões e construções a cerca da temática.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da educação**. 2. ed. Ver e atual. São Paulo: Moderna, 1996, p. 194-225.
- BRASIL. **Um novo modelo de educação profissional e tecnológica**. Concepção e Diretrizes. 2010, p. 3-43. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec>>. Acesso: 9. jun.2012.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOGEL, Gilvan. Por que não teoria do conhecimento? Conhecer é criar. In: Cadernos Nietzsche. nº 13. São Paulo: GEN/USP, 2002, p. 89-117.
- GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor**. Educação e Realidade. P 169-178 jul/dez, 2002.
- LIMA, João Epifânio Regis. **Música e vida**: A centralidade da estética no pensamento do autor de O nascimento da tragédia e Assim falou Zarathustra. In: Coleção guias de Filosofia. Nietzsche. Um pensador Combativo. 4. ed. São Paulo: Escala, 2012.
- O MISTÉRIO de Picasso. Direção: Henri-Georges Clouzot, 1956. 1 DVD (75 min). Título original: Le Mystère Picasso.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lilian do Valle. Coleção Educação: Experiência e Sentido. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, conhecimento e democracia**: As lições e as dúvidas de duas décadas. Temas em debate. Caderno de pesquisa (73). São Paulo: maio, 1990. 59-66. Disponível em: <<http://educacao.fcc.org.br/scielo>>. Acesso: 9 jun. 2012

---

Recebido em: 11 de julho de 2012  
Avaliado em: 24 de julho de 2012  
Aceito em: 24 de julho de 2012

---

1 Especialista em Psicopedagogia, Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe e Membro do Grupo de Pesquisa Economia e Desenvolvimento na linha de pesquisa Educação e Desenvolvimento (CNPq/IFS). E-mail: [clamed.lima@hotmail.com](mailto:clamed.lima@hotmail.com)